

BALANÇO

ANTONIO CÍCERO

A infância não foi uma manhã de sol:
demorou vários séculos; e era pífia,
em geral, a companhia. Foi melhor,
em parte, a adolescência, pela delícia
do pressentimento da felicidade
na malícia, na molícia, na poesia,
no orgasmo; e pelos livros e amizades.
Um dia, apaixonado, encarei a minha
morte: e eis que ela não sustentou o olhar
e se esvaiu. Desde então é a morte alheia
que me abate. Tarde aprendi a gozar
a juventude, e já me ronda a suspeita
de que jamais serei plenamente adulto:
antes de sê-lo, serei velho. Que ao menos
os deuses façam felizes e maduros
Marcelo e um ou dois dos meus futuros versos.

ANTONIO CÍCERO formou-se em Filosofia na Universidade de Londres. Poeta, tornou-se conhecido no final dos anos 70 como o letrista das canções de sua irmã, Marina Lima. É autor do ensaio *O mundo desde o fim* (1995) e de duas coletâneas poéticas: *Guardar* (1997, Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira) e *A cidade e os livros* (2002). Seu livro mais recente, *Finalidades sem fim* (Ed. Companhia das Letras, 2005), traz ensaios sobre poesia e arte.

{ SUPLEN- TAMENTO.

GUSTAVO GUIMARÃES SOBRE A
CRÍTICA E O POETA ALBERTO +
ANTONIO CÍCERO POEMA BA-
LANÇO + NANCY MENDES EVO-
CA BERNANOS EM BARBACENA
+ ÓPERA A FARSA DOS TEM-
POS DO ERUDITO PARA A VAN-
GUARDA WALLACE ARMANI +
ANDRÉ LUIZ PINTO + POEMAS
CLAUDIO DANIEL LIVRO DODE-
CAEDRO + DUAS REVELAÇÕES
DOIS POEMAS GUSTAVO PAINS.

BELO HORIZONTE, JUNHO DE 2006, Nº 1291, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS

Ao reler os textos apresentados nesta edição e refletir sobre as anteriores, lembrei-me do primeiro número dessa gestão, publicado em maio de 2005, quando João Alexandre Barbosa em "Variações sobre Suplementos Literários" insiste na função essencial desses periódicos como "espaço de experimentação de linguagem" por comportar uma diversidade de linhas de pensamento, de estilos, de diálogo entre textos de áreas diferentes e, mesmo, de gêneros literários que se encontram lado a lado numa mesma edição. A essa característica dos Suplementos Literários dá-se o nome de liberdade.

Muitos leitores – sobretudo aqueles que não lêem música – acharão estranho o fato de encontrarem fragmentos de uma ópera de Wallace Armani acompanhada da partitura. Contudo, trata-se de uma ópera que, apesar de erudita, caminha para a música de vanguarda utilizando-se além do verso e da prosa, de uma língua artificial criada para a peça.

Num outro viés, Nancy Mendes nascida em Barbacena, resgata a memória de Bernanos, evocada em cinco tempos de sua vida. Poucos leitores talvez saibam que esse escritor francês, católico e anticomunista, chegou a Barbacena em 1940 para aí viver até 1945, quando partiu para a França onde faleceu em 1948. Seu livro mais conhecido *Le journal d'un curé de campagne* foi escrito, assim que chegou à cidade mineira, influenciado pela amizade com o pároco local e pela fé na doutrina católica.

A intenção do Suplemento Literário, ao publicar fragmentos de prosa ou música, ou ainda, um poema de determinado autor ou ensaios críticos que nos levam à reflexão, é aguçar a curiosidade do leitor para que possa viajar por mundos desconhecidos e, assim, usufruir do novo e inusitado, estes sempre instigantes e apaziguadores de nossos espíritos.

Camila Diniz Ferreira
Editora

Errata: no Editorial da edição de maio, nº 1290, onde se lê século XIII, leia-se século XVIII.



CAPA: MÁXIMO SOALHEIRO. TIPOGRAFIA / CERÂMICA. Composição com espaços de espessuras variadas de corpo 12 e 24, com impressão localizada com tinta de origem mineral vermelho de ferro. Impressão tipográfica [detalhe]. 2006.

SECRETÁRIA DE ESTADO DE CULTURA ELEONORA SANTA ROSA SECRETÁRIO ADJUNTO MARCELO BRAGA DE FREITAS DIRETORA E EDITORA CAMILA DINIZ FERREIRA PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE MÁRCIA LARICA CONSELHO EDITORIAL ÂNGELA LAGO + CARLOS BRANDÃO + EDUARDO DE JESUS + MELÂNIA SILVA DE AGUIAR + RONALD POLITO EQUIPE DE APOIO ANA LÚCIA GAMA + ELIZABETH NEVES + FREDERICO MATOS + ROSÂNGELA CALDEIRA + SÉRGIO RICARDO ESTAGIÁRIOS LORENA LOPES + VALBER PALMEIRA + NATÁLIA DUTRA JORNALISTA RESPONSÁVEL ADRIANA BARBOSA (REG. PROF. 6481/ M.G.). TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. AGRADECIMENTOS: IMPRENSA OFICIAL/ FRANCISCO PEDALINO COSTA DIRETOR GERAL, J. PERSICHINI CUNHA DIRETOR DE TECNOLOGIA GRÁFICA + LIVRARIA E CAFÉ QUIXOTE + MANUSCRITOS LIVRARIA - ESPAÇO BELAS ARTES.

{SUPLE
MEN+O.

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo
30130-180 Belo Horizonte MG
Tel/fax: 31 3213-1072
suplemento@cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

Esta narra as aventuras de um jovem pelo Mundo dos Mortos. Permeando e dando nova visão e composição aos mitos da humanidade. Dividido em três atos (num total de três prólogos e vinte e uma cenas) e tendo um corpo de trinta personagens. O texto tem como características a prosa, o verso e a prosa-poética. Além de ter como elemento curioso, a utilização de uma língua artificial, que foi criada especificamente para a peça. A instrumentação é formada de quatro trompas, trompete, trombone-baixo, clarineta, três percussionistas (instrumentos diversos), violino e piano.

WALLACE ARMANI

FARSA DOS TEMPOS

O GUIA – Percebo que não pertence a este... Deves morar bem longe daqui. Pelas tuas vestes... Estrangeiro. Mas não importa, hoje é seu grande dia. Desfrutará de minha cortesia e será comigo.

O JOVEM – Agradeço-lhe cortesmente nobre senhor.

O GUIA – Vejo que é provido da mais alta sorte meu jovem. Está em local hostil e os perseguidores dos quais se inclina a dizer são espíritos errantes que fazem qualquer coisa por um pedaço novo de carne, se é que me entende. Eles habitam este lugar há mais tempo que posso contar e tentam a alma dos mais fracos.

O JOVEM – Que lugar danado e esquecido é este? Como posso estar aqui?

O GUIA – Este meu jovem. É o mais antigo e o mais novo de todos os lugares. O eterno afastamento de todas as mais ínfimas distâncias. A maior de todas as despedidas. O Grande Vale das almas fugidias. O Mundo dos Mortos. Sobre a segunda questão, nem mesmo eu posso decifrá-la.

O JOVEM – Logo estou morto.

O GUIA – Pelo brilho imanente de tua tez, creio que não.

O JOVEM – Então, como posso estar aqui se...

WALLACE ARMANI é compositor e regente, nascido em Belo Horizonte em 1977. São de sua autoria: a ópera *Il Diavolo Tentato*, *Pater Hemon* para coro a 12 vozes, *Tritico Litúrgico* para coro infantil e cordas, Peça 01 para orquestra, os poemas sinfônicos *A Princesa de Babilônia* e *O Sétimo Céu* e a peça sinfônica intitulada *A Divina comédia*.

10

O GUIA – Percebo que não pertence a este... Deves morar bem longe daqui. Pelas tuas vestes... Estrangeiro. Mas não importa, hoje é seu grande dia. Desfrutará de minha cortesia e será comigo.

==

O GUIA – Vejo que é provido da mais alta sorte meu jovem. Está em local hostil e os perseguidores dos quais se inclina a dizer são espíritos errantes que fazem qualquer coisa por um pedaço novo de carne, se é que me entende. Eles habitam este lugar há mais tempo que posso contar e tentam a alma dos mais fracos.

21
Tpt
Pno
J.
es - te? Co - mo pos-so es - tar a - qui?

O GUIA - Este meu jovem. É o mais antigo e o mais novo de todos os lugares. O eterno afastamento de todas as mais ínfimas distâncias. A maior de todas as despedidas. O Grande Vale das almas fugidias. O Mundo dos Mortos. Sobre a segunda questão, nem mesmo eu posso decifrá-la.

23
Cl.
Pno
PPP
PP
P

24
Cl.
J.
f
Lo - go

25
Cl.
Pno
J.
f fff p
es - tou mor - to. —

O GUIA - Pelo brilho imanente de tua tez, creio que não.

26
Trp
Trmb. B.
Vln
Pno
J.
p mf
En - tão, co-mo pos - so es

EVOCAANDO BERNANOS

Primeiro momento. Um senhor alto, nem magro nem gordo, desmontava do cavalo, amarrava-o numa argola presa a um toco, ao lado da sacristia e penetrava por ela na igreja da Glória. A figura era imponente, embora mancasse um pouco e se apoiasse a uma bengala. Eu pensava ser impossível que não se curvasse para entrar. Observava-o e estranhava que se pusesse ali na frente, em algum banco à esquerda do altar, diferentemente dos outros homens que sempre ocupavam os últimos bancos. Além disso, se entrasse pela porta principal, não precisaria curvar-se... Afinal, concluí que sua perna devia doer e por isso precisava ficar mais perto do cavalo. Não me ocorria indagar quem fosse, porque, embora gostasse de vê-lo entrar com toda aquela altura (era até mais alto que meu pai...), logo minha atenção de oito para nove anos encontrava outros interesses. Só o lembrava ao revê-lo em outro domingo. E era em domingos de sol que eu ia à missa na igreja de uma só torre, em linhas retas, não muito alta. O sino alegre e apressado batia, enquanto subíamos a ladeira disfarçada da rua Nova (já naquele tempo, outro era seu nome — Martinho Campos —, mas prevalecia o antigo). Lá em cima, num largo, ao lado do terreno da então Escola Agrícola, a igreja da Glória nos esperava, a mim e a uma vizinha pouco mais velha do que eu.

Segundo momento. Universitária, M. Jean Vincent, meu professor de Francês, sabendo-me de Barbacena, incumbiu-me de pesquisar sobre impressões ali deixadas pelo escritor Georges Bernanos e de redigir um relatório para apresentar à turma. Meu conhecimento sobre sua passagem por ali, limitava-se à época — os últimos anos da Segunda Guerra Mundial — e ao fato de ter morado em Cruz das Almas, nos arredores da cidade. Pouco antes daquela incumbência, eu

tinha reconhecido no título de um de seus livros — *Le chemin de la Croix des Ames* — o nome daquele logradouro.

Entrevistei várias pessoas. Houve quem se referisse apenas aos filhos do escritor: alguns ainda crianças, que volta e meia se acidentavam em suas brincadeiras, como se isso fosse coisa de relevância; os mais velhos eram descritos de forma nada lisonjeira, considerados baderneiros. Certamente, péssimas companhias para os santinhos da terra...

Bernanos chegou a Barbacena em agosto de 1940, depois de dois anos no Brasil. No Rio, onde aportara, fez os primeiros contatos. O mais importante foi com Virgílio de Melo Franco de quem recebeu indicações para se instalar no país. Como seu interesse fosse adquirir terras para criar gado, estive em fazendas alugadas em Itaipava, em Vassouras, em Juiz de Fora, para afinal, adquirir uma propriedade bastante extensa para os padrões europeus, em Pirapora. Não consegui, porém, enfrentar a criação de gado que iniciara e as agruras do sertão, ao se ver só com a esposa e os seis filhos. Um sobrinho e um médico amigo, que tinham vindo em sua companhia, foram chamados de volta à França.

O então prefeito de Barbacena, José Francisco Bias Fortes, ao tomar conhecimento dessa situação pelo professor e escritor Geraldo França Lima, informou-o sobre uma propriedade bem menor (45ha.), próxima à cidade, que estava à venda. Era a fazenda da Cruz das Almas. Esse nome impressionou o escritor, fazendo-o decidir-se imediatamente pela compra.

Das várias pessoas que entrevistei, lembro-me bem de três: um médico, um padre suspenso de ordens e um advogado, bem mais jovem que os dois. Foram minhas melhores fontes.

Mostraram-se orgulhosos por terem conhecido o escritor, falaram-me de como se tinha dado a aproximação e contaram-me casos pitorescos.

O médico estive em sua casa por força do ofício. Foi chamado para examinar uma das crianças que adoecera. Recebeu-o Mme Bernanos que, terminada a consulta, encaminhava-o à sala onde havia uma escada. Para surpresa do Dr. Galdino Abranches, de repente, desdobrou-se, diante dele, a figura imensa do escritor saída de uma pequena porta embaixo da escada, que não notara antes. Era como se saísse de uma caverna. Pareceu-lhe ser ali um esconderijo para escrever em sossego.

O padre Gomes, cujas bênçãos eram tidas como miraculosas, não devia estar ainda afastado do sacerdócio no início da década de 40. Encontrou Bernanos, pela primeira vez, na rua principal da cidade. Postou-se diante dele, saudando-o:

— *Bonjour, M. Georges Bernanos!*

— *Bonjour, mon père! Mais... qui êtes-vous?*

— *Je suis un curé de campagne, Monsieur...*

A alusão a seu romance agradou-lhe e, segundo o padre, foi responsável por vários outros encontros. E o velho sacerdote, nostálgicamente, evocava essa breve convivência como se fosse uma aragem européia que soprou sobre sua cabeça mineira. Livros do escritor lhe foram emprestados e, depois de lidos, discutidos entre eles. Naturalmente. Hão de ter debatido problemas ligados à Igreja.

Embora houvesse a conjectura de que o escritor tivesse vindo para o Brasil por falta de condições físicas para participar ativamente da Resistência (supunham-no mutilado de guerra), ou por querer proteger a família, sua motivação tinha

sido outra. Desde jovem alimentou o sonho de fundar, nos trópicos, uma comunidade onde se recuperariam antigos costumes de sua pátria. Seria A Nova França. Talvez algo semelhante às colônias de imigrantes do sul do Brasil. O país de seus sonhos juvenis era o Paraguai, em virtude do clima. Já com os seis filhos, tentou arregimentar amigos para compor um grupo inicial.

Antes de aventurar-se a vir para América do Sul, tinha estado dois anos na Espanha. Encontrava-se lá quando começou a Guerra Civil. Como católico e anticomunista, chegou a apoiar a campanha de Franco. Contudo, ao perceber que o combate aos comunistas transformara-se em atrocidades, retornou à França. Foi então que, mais motivado ainda, embarcou rumo a Assunção, fazendo escala no Rio e em Buenos Aires. Encontrou dificuldades no Paraguai, onde ficou menos de uma semana. Voltou para o Rio, decidido a fixar-se no Brasil. É que, ao passar pela cidade, se sentiu bem acolhido por intelectuais que o procuraram. Nunca se arrependeu de ter vindo para o Brasil. Dizia-se tão contente no país que o recebera, que alimentava o desejo de nunca mais deixá-lo. Via aqui virtudes perdidas na Europa.

Não sei se ainda universitário, ou recentemente formado, o advogado barbacenense Dr. Anuar Fares, já havia lido dois livros seus, um cartão de visita para apresentar-lhe. Abordou-o pela primeira vez no café Colonial, bem no centro da cidade, onde Bernanos costumava passar horas a escrever, ocupando mesa cativa.

Como se vê, embora vivesse em sua propriedade, relativamente distante da região urbana, o francês não vivia em reclusão. Circulava sempre pela cidade e mostrava-se acessível a quem dele se aproximava. Desde que ocupou a fazenda da

Cruz das Almas, ao sair a cavalo, cumprimentava a criança da de sua vizinhança ou encontrada pelo caminho. O resultado foi ficar conhecido na região por “*Seu Bonjour*” (melhor seria grafar Bonjur...). Divertia-o ser assim saudado por todos. O cavalo, seu meio de transporte, chamava-se Osvaldo, em homenagem ao embaixador Osvaldo Aranha de quem o recebera como presente...

Anuar Fares, convidado por Bernanos, esteve em sua casa algumas vezes e, com visíveis sinais de vaidade, contou-me ter lido, no original, um de seus artigos de guerra. Achava que os filhos, muito jovens, não sabiam avaliar a importância do pai. Assim, também poucos barbacenenses se davam conta de ter estado entre eles um romancista já consagrado em seu país, alguém que participava da Resistência Francesa lutando com a pena, arma que tão bem sabia manejar.

Terceiro momento. Durante três semanas, estive mergulhada nessa pesquisa, lamentando não ter tomado nenhum conhecimento daquela presença tão próxima, pela pouca idade que tinha na época. Completava o dia lendo livros de Bernanos.

Pois bem, numa dessas noites, já sonolenta, abandonei *Le journal d'un curé de campagne* e seu protagonista às voltas com os problemas que lhe oferecia a paróquia. Confortável na cama, imaginava o frio que estaria lá fora pelo barulho do vento de julho que agitava as árvores e ia repassando o que ouvira durante o dia e o que acabara de ler. Já naquela espécie de torpor que precede imediatamente o sono, percebi diante dos meus olhos, não sei se já abertos ou ainda fechados, a figura imponente de um senhor muito alto, em roupas de tom neutro que desmontava do cavalo, amarrava-o numa argola presa a um toco, ao lado da sacristia da igreja da Glória. Vi-o dirigir-se à porta da sacristia e entrar apoiado a uma bengala, puxando um uma das pernas.

Despertei completamente, tomada de emoção. Passei a noite tentando prosseguir a leitura, muito ansiosa por encontrar alguém que me descrevesse fisicamente o escritor. Enfim, a manhã trouxe-me a confirmação: a imagem do homem alto de missas dominicais de minha infância recuperada naquela noite era dele...

Quarto momento. Recentemente, estava eu numa casa de vinhos, aqui em Belo Horizonte, quando o sobrenome do escritor soou em meus ouvidos. Tinha sido pronunciado por um jovem senhor que falava pelo celular. Retardei minha permanência ali, até que ele encerrasse a conversa. Minha memória foi acionada por aquele nome, fui atropelada por episódios referentes a Bernanos: as pessoas que entrevistei em Barbacena, coisas que me revelaram, a súbita descoberta de tê-lo visto na infância, o relatório das entrevistas perdido, M. Vincent... Com essas lembranças, e a falta de cerimônia que me está aparecendo à medida que os anos avançam, interpelei-o, escusando-me pela involuntária oitíva (nesses casos quem é indiscreto, o ouvinte ou o falante? Talvez seja mesmo o interpelante...). Queria saber se o nome ouvido se referia a algum endereço ou ao próprio escritor. Gentilmente, o moço esclareceu-me ser o sobrenome de sua esposa, bisneta do escritor. E foi sua vez de indagar a razão de meu interesse. Conversamos um pouco. Foi-me chegando, então, o desejo de resgatar aquelas lembranças e publicar o texto, conforme me tinha sido sugerido. Senti, porém, necessidade de outras informações.

Recorri à *internet* para conferir datas. Descobri textos de dois jornalistas franceses, Sebastien Lapaque e Gabriel Bermond. Foram confirmadas algumas informações que registrei aqui e tomei conhecimento de outros fatos que achei interessante acrescentar.

Lapaque (2003) esteve no Brasil, buscando subsídio para comunicação em um colóquio realizado no final de 2003 em Paris. No Rio, entrevistou duas pessoas que estiveram com Bernanos nos últimos dias que passou naquela cidade: Pedro Otávio Carneiro da Cunha, de conhecimento recente, e Geraldo França Lima. Por eles soube de seu desgosto em partir. Estaria tomando uma atitude consciente — a de atender ao chamado de De Gaulle para participar da restauração da França. Tendo encontrado no Brasil o ambiente com que sonhara, a ponto de declarar “ter nascido para amá-lo”, a decisão de voltar era contrária a seu próprio desejo.

Em Le chemin de la Croix des Ames (1943), o escritor refere-se a duas ocasiões em que brasileiros desconhecidos, fizeram-no emocionar-se. Era gente do povo. Na primeira, a notícia da tomada de Paris pelos alemães já corria de boca em boca. Ele viajava de trem quando outros viajantes que,

evidentemente o sabiam francês, falavam em voz baixa; sentiu que não só a guerra estava perdida, mas que toda uma geração francesa tornara-se maldita. Entretanto, algumas pessoas o cercaram de simpatia, repetindo que da Inglaterra viria o socorro (lembre-se que a liderança da Resistência Francesa encontrava-se lá). A segunda ocasião foi quando viu o povo festejar a entrada do Brasil na guerra. Essa visão o levou a dizer que seu sentimento em relação àquelas pessoas, cujo rosto já lhe era familiar, passou a ser mais que de simpatia. E acrescenta: “Estou preso a esta terra para sempre, como um morto àquela que o cobre e, como um morto, aqui espero a ressurreição.” É um artigo datado de agosto de 1942, em que enaltece o Brasil e os brasileiros. Tal apreço o levou, em outro artigo, a protestar contra as críticas provenientes da Alemanha e de seus alinhados em relação aos motivos do governo brasileiro para se colocar em luta, ao lado dos Aliados. Bernanos recusa a idéia de ter havido pressão americana, mas não menciona a pressão interna. Considerava a atitude de nosso governo absolutamente espontânea e nobre.

Nos dias que antecederam sua volta à França, andou manifestando estar preocupado com a readaptação em seu meio. A Geraldo França Lima confessou que temia o confronto com inimigos.

Penso que poderia estar-se referindo àqueles de quem, no passado, tinha sido companheiro, isto é, irmãos de fé política; eles não aceitariam as posições que assumira após sair da França. Na juventude, Bernanos tinha participado da Action Française, movimento monarquista da direita radical. Na Espanha, voltara-se contra os falangistas espanhóis e tornando-se defensor de suas vítimas, comunistas que estavam sendo massacrados e contra a Igreja que se colocara a favor de Franco. Publicou uma sátira sobre a Guerra Civil Espanhola intitulada *Les cimetières sous la lune*. Ao aparecimento do Nazismo, tinha acreditado em seu propósito objetivo de combater o capitalismo pelo qual tinha aversão. Ao perceber, entretanto, seus verdadeiros fins e métodos, voltou-se contra ele e, mais ainda, decepcionado com a Igreja Católica, criticou-a acerbamente.

Essas mudanças de atitude não constituíram novidade. O escritor tinha-se desligado da Ação Francesa em 1918, mas, segundo informa G. Bermond, defendeu-a publicamente ao

ser condenada em 1926. Tudo isso constitui incoerências aparentes, pois reafirmava o que havia de mais profundo em seu espírito. Conforme registro de Bermond, respondia a quem quisesse saber como definia sua posição, com estas palavras: “nem esquerda nem direita, cristão”. Bernanos não podia admitir atrocidades; sua fé não se abalou, ainda que reconhecesse os erros da Igreja e os denunciasses.

Como previu, não se readaptou à França. Recusou cargos, homenagens e honrarias que lhe foram oferecidas: embaixada, ministério; a Legião de Honra, por quatro vezes. Por certo, o fato de ter-se conservado monarquista o impedia de aceitar ligações mais íntimas com a República. Recusou também uma cadeira na Academia Francesa, embora não se tratasse de instituição republicana. Havia de ser outro princípio seu, pois, aqui no Brasil, dissuadiu Jorge de Lima de candidatar-se ao fardão da nossa Academia. Pouco se deteve em Paris, sua cidade natal, refugiando-se, primeiro no Midi (sul da França), depois, na Tunísia. Faleceu na França, três anos após ter saído do Brasil. Segundo consta, próximo da morte, teria dito, referindo-se a Deus: “Agora, entre nós dois...”

Quinto momento. Lamento ainda não ter encontrado o relatório das entrevistas feitas em Barbacena, quando universitária. Muitas informações não de se terem perdido com ele. Finalmente, assinalo que, ao compor este texto, desejei, além resgatar a presença de Bernanos entre nós, render homenagem à memória de meu mestre francês que desejei ver, há décadas atrás, aquele trabalho publicado. Sempre é tempo...

Referências bibliográficas

BERNAND, Gabriel. “Bernanos”. [Sem qualquer indicação]
BERNANOS, George. *Le chemin de la Croix des Ames*. Rio de Janeiro: Atlântica, 1943. 154p.
LAPAQUE, Sébastien. Saudades de Bernanos, Colloque International “Voyageurs et images du Brésil”
M.H.S., Paris,10-12-03 – Table 4- Le voyage romantique: littérature et aventure.

NANCY MENDES é professora de português de 2º Grau da E.E.G.M.C e da Faculdade de Letras da UFMG. É mestra em Literatura Brasileira e Doutora pela Universidade de Paris III, Sorbonne Louvelle. Dentre suas últimas publicações destacam-se *Barroco Mineiro em Textos e Uma galeria de pintores holandeses no romance proustiano*.



TIPOGRAFIA / CERÂMICA

MÁXIMO SOALHEIRO

{ Cerâmica, 29 x 15 cm, grés, queima redutora 1320°, 2006. Foto: Miguel Aun.
Ceramista, professor e escultor, MÁXIMO SOALHEIRO desenvolve trabalhos em diversas áreas, como artes plásticas, arquitetura, desenho de objetos, desenho gráfico e produção de imagens. Em seus 30 anos de carreira, recebeu vários prêmios importantes, participou de exposições coletivas no Brasil e no exterior e realizou várias exposições individuais no Brasil. Apresentou seus trabalhos de pesquisas com cerâmica no Japão, em 1989. Realiza exposição individual e lança seu livro objeto **Tipografia / Cerâmica**, no Palácio das Artes, de 14 de junho a 16 de julho de 2006, em Belo Horizonte.

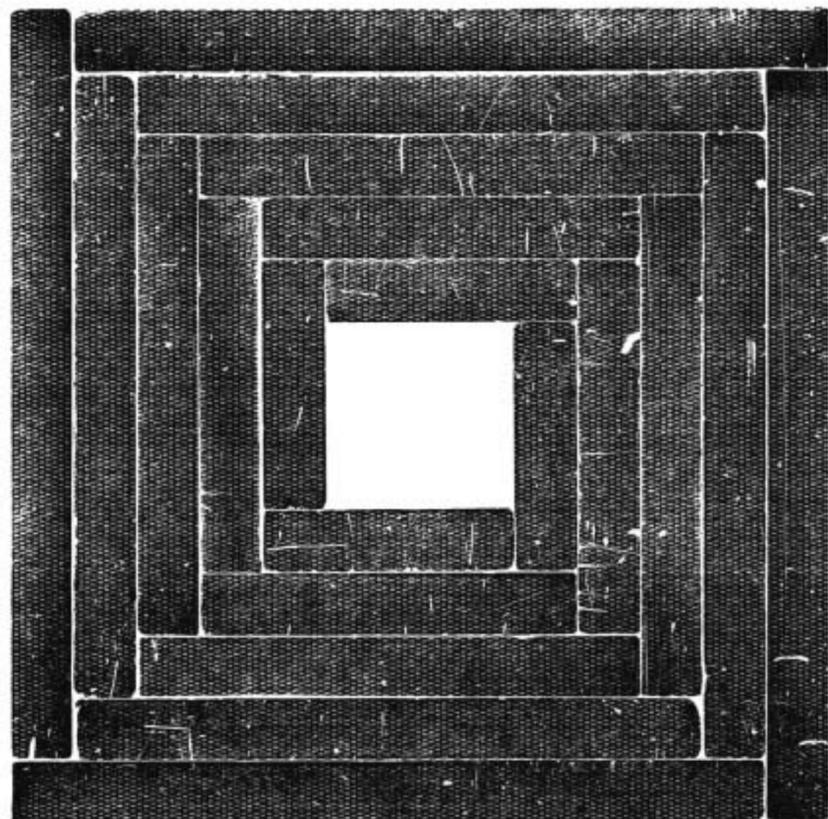


IMAGEM SEMELHANÇA

GUSTAVO PAINS

toda impura imagem que se traga
não retrata nada além
da sua escura sombra recheada

tudo que a luz refrata, passa
a idéia abstrata que se vê ilustrada

toda mera coincidência mostra
que a vida é uma semelhança exagerada

que a falta de imaginação do olhar
acaba por diminuir a coisa olhada

que o fato de eu saber que há sobra
não me tira a falta de vontade de enxergá-la

e que se o desejo muda tanto a cópia
a vida já não é mais nada que eu imaginava

ALBERTO

O ESPAÇO NA CRÍTICA

A crítica sobre a obra do poeta português Al Berto¹ principia nos anos 1980. Desde então, a produção avançou lenta e esparsamente, mas destaca-se pela qualidade, pois alguns dos mais atuantes críticos portugueses se debruçaram sobre sua escrita: Eduardo Pitta, Eduardo Prado Coelho, Fernando Pinto do Amaral, Joaquim Manuel Magalhães, Nuno Júdice e Rosa Maria Martelo, entre outros. Entretanto, nenhum deles dedicou uma obra inteira a Al Berto.

A tarefa de publicar dois livros até o momento dedicados inteiramente a Al Berto coube ao jovem poeta e crítico Manuel de Freitas. O último deles – *Me, Myself and I*: autobiografia e imobilidade na poesia de Al Berto –, foi publicado em Portugal recentemente – Assírio & Alvim, 2005. E o primeiro – *A noite dos espelhos*: modelos e desvios culturais na poesia de Al Berto (Lisboa: Frenesi) –, foi lançado em 1999. Essa obra reúne ensaios que enfocam, como o próprio título enuncia, os desvios e modelos na obra al-bertiana, por um lado provenientes do campo literário, como as drogas e a homossexualidade em William Burroughs, a marginalidade em Genet, a errância em Rimbaud, para citar apenas alguns; e, por outro, oriundos do campo musical, quais sejam as marcas das paisagens desoladas e os abismos noturnos pronunciados nas letras e no clima das músicas *punk* e *rock* das bandas musicais Velvet Underground, The Doors e Joy Division, com seus respectivos vocalistas e principais letristas – Lou Reed, Jim Morrison e Ian Curtis.

O livro de Manuel de Freitas privilegia a primeira fase de Al Berto e segue de perto a linha crítica abordada por Joaquim Manuel Magalhães no texto “Alguns aspectos dos últimos anos”, da obra *Os dois crepúsculos* (1981), um dos primeiros escritos de fôlego sobre Al Berto, que havia, até então, publicado apenas dois livros: *À procura do vento num jardim d’agosto* (1977) e *Meu fruto de morder, todas as horas* (1980), ambos editados pelo próprio autor e bastante parecidos quanto à escrita herdada da convenção *beatnik*, tanto na forma como no conteúdo. É certo que tal herança chegou com um certo atraso em Portugal, como esclarece Magalhães: “a geração do Ginsberg, do Kerouac e de vários outros, sobretudo os traduzidos para francês, começa o seu peso português. Um certo calão supostamente marginal chega finalmente até cá”. (p. 264). Porém, na obra de Al Berto essa convenção *beat* é “apenas o pano de fundo continuamente ultrapassado por uma vertigem própria e por uma marca de abismo que é, indiscutivelmente, pessoal”. (p. 271). As duas primeiras obras de Al Berto, já em 1981, chamaram a atenção da crítica especializada, prossegue Magalhães:

As descrições oníricas, a visão apocalíptica, os cortes cinematográficos constituem um engenho ocupado de jeitos estilísticos que podem ser

menos inovadores. Mas o que desencadeia tem a força de rastilhos atirados a várias pólvoras, entre as quais a da própria linguagem, e isso não pode deixar de nos lembrar que não é só numa concepção estreita de estilo que pode residir o valor duma obra: estilo é também comportamento e a capacidade de assumir o vulcão pode ser um alto motivo de fulgor literário (...). Há poucos senhores do fogo. Eu suponho que Al Berto pode vir a ser um deles (...) por um vigor que se adivinha para lá dos mecanismos às vezes gastos, pela tenacidade com que golpeia mesmo com ferramentas de alguma ferrugem. (p. 272-273).

Portanto, o que o crítico previu se confirmou. Al Berto tornou-se uma das vozes mais singulares da poesia portuguesa, com o que também concorda Fernando Pinto do Amaral, no catálogo *Al Quimias: Al Berto* (2001): “percebia com um certo assombro que a poesia portuguesa, afinal, não acabara em Herberto Helder ou Ruy Belo”. (p. 49). Amaral descobriu a poesia de Al Berto quando freqüentava a Faculdade de Letras, entre 1982, ano da publicação de *Trabalhos do olhar*, e 1984, quando foi publicado *Salsugem*, período que coincide com o final da primeira fase de Al Berto na qual, segundo Eduardo Pitta (*Fracturas*, 2003),

Transgressão em ambiente marginal é o que não falta na primeira fase da obra de Al Berto, aquela que vai de *À procura do vento num jardim d'agosto* (1977) e *Meu fruto de morder, todas as horas* (1980) até *Salsugem* (1984). Fase a que acrescento *Lunário*, só publicado em 1988, mas com toda a probabilidade escrito em data mais recuada. Nesses anos prodigiosos, Al Berto construiu a legenda do poeta *maudit*, algures entre Genet e Burroughs. A lenda do exílio *underground* (Bruxelas, 1967-75) deu o empurrão decisivo. (p.17).

Fernando Pinto do Amaral concorda com Pitta nessa divisão da obra de Al Berto em duas fases. Em um dos principais textos sobre o escritor lusitano – “Al Berto: um lirismo do excesso e da melancolia” (*O mosaico fluido*, 1991) –, Amaral afirma que a escrita do poeta em questão tem

evoluído entre dois pólos: “o excesso e a vertigem do *sentir*, mas simultaneamente o deserto e a lucidez da distância e da solidão (...). De início mais entregue ao primeiro, atingiu depois um grau de maturidade e depuração que culmina, a meu ver, n’*Uma Existência de Papel* (1985)”. (p.121). A mudança na poética de Al Berto tem início em *Trabalhos do olhar*. A princípio na forma, pois a partir dessa obra a escrita do autor é predominantemente lírica, caracterizada por poemas que não ultrapassam uma página, em oposição à escrita das duas primeiras publicações, que trazem personagens vertiginosos numa forma limítrofe entre prosa e poesia. A partir de 1985, o conteúdo é também modificado, em uma fase marcada por menor transgressão marginal, tornando-se mais freqüente a abordagem da solidão, do silêncio, da “existência de papel” e da morte.

Depois de *Uma existência de papel* e da obra completa intitulada *O medo* (1987) – pela qual recebeu um dos mais importantes prêmios de poesia, o PEN Clube Português –, Al Berto entra definitivamente no cenário literário europeu. O eco da mídia foi conseqüente, e o autor ascendeu à fama, atingindo o auge de seu reconhecimento. Assim, começam as traduções de suas obras para o francês (oito títulos), espanhol (seis), alemão (três), italiano (um) e inglês (um) – na Irlanda. Isto não inclui jornais, revistas e antologias. Conseqüentemente, o poeta passa a ter maior atenção dos críticos literários, visto que a grande parte dos estudos sobre sua obra se desenvolveu a partir daquela premiação. Através da crítica, a marca de Al Berto como um poeta marginal se atenua à medida que sua obra se amplia, pois seus temas já não causam maiores estranhamentos. O autor sai de um círculo pequeno de leitores para ganhar novos adeptos, e, por conseguinte, renovadas críticas. Veja-se a afirmativa de um dos tradutores para o francês, Etienne Rabaté, em seu artigo “O corpo e o mundo”, na *Revista Tabacaria* (1998):

A reputação de Al Berto em Portugal, por razões ligadas simultaneamente aos seus textos e ao seu estilo de vida, é um pouco sulfurosa. Tive-o, em primeiro lugar, por um poeta marginal, representante de uma espécie de *beat generation* portuguesa, porta-voz da contracultura. A minha experiência de leitor levou-me, no entanto, a modificar radicalmente esta

primeira imagem, ao descobrir uma obra poderosamente lírica, com uma forte carga romântica. (p. 52).

Além de “poeta marginal”, começam a se desdobrar outras imagens a partir da crítica: “um dos mais melancólicos da nossa poesia recente”, afirma Fernando Pinto do Amaral (*O mosaico fluido*, 1991, p. 125); um poeta que “introjeta a dor da AIDS na lírica portuguesa”, para Maurício Salles Vasconcelos (*1000 rastros rápidos*, 1999, p. 216). Ou, para Eduardo Pitta, “o lampejo de uma identidade *queer*” (*Fractura*, 2003, p. 18). No entanto, não se pretende, aqui, que as designações e contextualizações até então discutidas soem de maneira a reduzir o poeta ao horizonte de alguma década ou a produzir uma imagem definitiva de sua obra. Diferentemente do que aconteceu a Rimbaud, não se cristalizaram “lendas” acerca de Al Berto, talvez por este estar muito próximo de nosso tempo. Ao lermos e criticarmos a obra desse poeta lusitano, como fez Rabaté, agregam-se outras possibilidades de leitura e não caímos no risco de reduzi-lo a clichês teóricos. Para tanto, a crítica portuguesa não tem medido esforços para melhor compreender o universo complexo desse autor, principalmente no meio acadêmico, em trabalhos de pós-graduação, como a tese de doutorado *A metafísica d’O medo*, ainda em andamento, da pesquisadora romena Golgona Luminita Anghel, sob orientação de Fernando Pinto do Amaral na Universidade de Lisboa. E o excelente trabalho de mestrado, *Auto-retrato e construção da subjectividade na poesia de Al Berto* (2005), de Maria David Neves Dias de Castro, sob orientação de Rosa Maria Martelo na Universidade do Porto.

Por fim, no Brasil, alguma produção crítica e mesmo a distribuição das obras de Al Berto iniciam-se após a sua morte. Na abertura de dois artigos sobre literatura portuguesa contemporânea do *Suplemento Literário de Minas Gerais* - nº 88, Out/2002, certifica-se que muitos autores notáveis de Portugal começam a ter um maior espaço nas livrarias brasileiras, como Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol, estes já há algum tempo. Entretanto, “muitos outros contemporâneos daquele país (...) ainda são ilustres desconhecidos por aqui, como o extraordinário Al Berto – talvez a grande voz poética em língua portuguesa geral nos anos 80” (p. 20). Hoje, todos os livros do autor estão sob os direitos da editora portuguesa Assirio & Alvim e disponíveis no

mercado: o livro de desenhos *Projectos 69*, publicado na Bélgica em 1972 e reimpresso em 2002; O romance *Lunário* (1988); o livro de contos *O anjo mudo* (1993) e a obra poética, completa e ampliada, *O medo* (2005). Não há publicação brasileira, exceto em alguma coletânea, como a *Antologia da poesia portuguesa contemporânea* – um panorama, organizada por Alberto da Costa e Silva e Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

A produção crítica sobre o autor no Brasil ainda é incipiente, cabendo aos acadêmicos o esforço nessa tarefa, mais especificamente alguns professores das universidades dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais: Mário César Lugarinho (UFF), único ensaísta com uma produção sistemática sobre Al Berto desde 1997; Jorge Fernandes da Silveira (UFRJ), Edgard Pereira (UFMG) e Maurício Salles Vasconcelos (UFMG). Vale citar também alguns trabalhos de pós-graduação nos cursos de letras dessas universidades: *A herança invisível: ecos da “literatura viva” na poesia de Al Berto*, tese de doutorado de Emerson da Cruz Inácio, UFRJ (2006); *A poética da vertigem: breves notas sobre a melancolia em “Horto de incêndio”*, de Tatiana Pequeno, UFRJ (2006); e, *Rumor de corpos – subjectividade e cultura em Al Berto*, de Alexsandra de Sousa, UFMG (2006); estas duas últimas no curso de mestrado.

1. Alberto Raposo Pidwell Tavares nasceu em 11 de janeiro de 1948, em Coimbra, e morreu em 13 de junho de 1997, em Lisboa, aos 49 anos em consequência de complicações por ter contraído o vírus HIV. Foi exilado em abril de 1967, aos 19 anos, vivendo em Bruxelas durante a ditadura salazarista. Neste período estudou pintura, participou de exposições de artes plásticas, publicou um livro de desenho, escreveu em francês e viajou pela Europa realizando alguns apontamentos de viagem. Regressa a sua pátria após a queda da ditadura em 25 de Abril de 1974. Entre 1977 e 1997, publicou regularmente.

GUSTAVO CERQUEIRA GUIMARÃES. Poeta e pesquisador. É Mestre em Teoria da Literatura pela UFMG com o trabalho intitulado *Espaço, corpo e escrita em Al Berto*. Atualmente, faz doutorado em Literatura Comparada, na UFF/RJ. É também autor do livro de poesia *Lingua*, Belo Horizonte: Selo Editorial, 2004.

ANDRÉ LUIZ PINTO

O olho-farol
que a serpentina da voz
deflagra
antes de trair sua miséria
o crime de nascer
tratemos agora disso
é atroz o pedido
o seu pedido a superfície
da sua voz que azul
me detém

os cabelos

o vento que nos assalta
o quarto e os quartetos
sem rima para obstáculos
e a aparência sem dó
nem piedade para atinar
ao perigo

o tísico dessas palavras
é morrer

é a mesma superfície
sob a qual escreve
grava em silêncio
a negra tinta

dos dias

como se numa noite
me cortasse

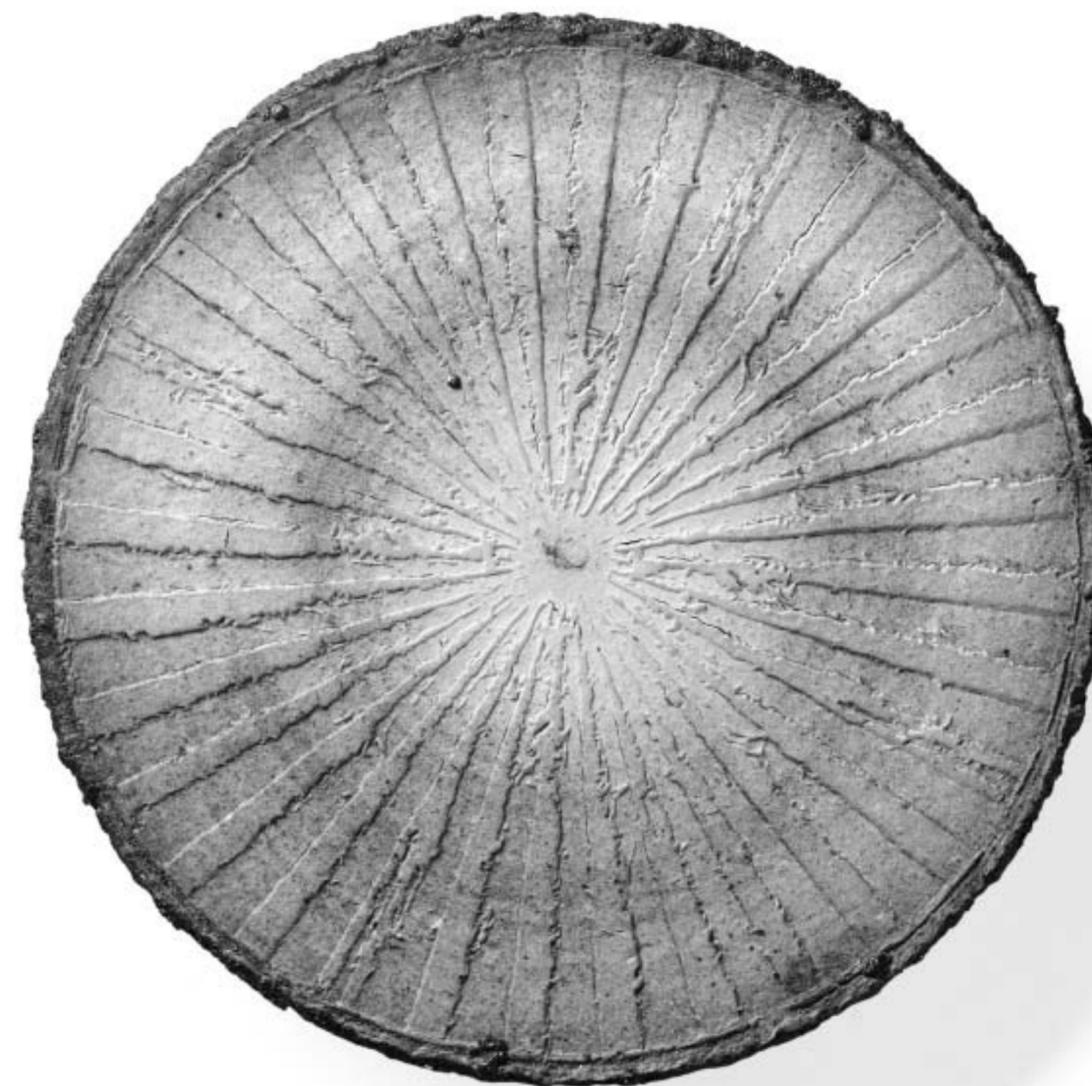
o século

e em silêncio a morte
pressentisse.

Ah canção do exílio

por que

se já existe?



ANDRÉ LUIZ PINTO nasceu no Rio de Janeiro. É mestrando em filosofia pela UERJ. Publicou os livros *Flor à Margem* (1999) e *Primeiro de Abrel* (Editora Hedra, 2004).

MÁXIMO SOALHEIRO | Objeto, s/ título, impressão com matriz tipográfica sobre grés, 35 x 5 cm, queima redutora 1320°, 2006. Foto: Miguel Aun.

Passos transfigurados em papoulas e pupilas.

Qual desmesura da anfíbia superfície?

Que alfabeto de poros nessa esfera cúbica?

Em que tempo essa imagem tatuou-te de ocelos?

Quais fraturas, Que nós de água desatados?

No inverno branco e atonal,

calêndulas e nardos inventam seu próprio mapa-múndi.

(O Tao é similar a um quadrado infinito, sem ângulos; a uma esfera que contempla a si mesma; a um mágico diagrama no alaúde do músico cego.)

Nervuras na folha, inscrições; imprecisas cifras de nuvens, étoiles, epitélios: tudo é número. (Sou o tempo, disse-me com lábios de sal, ao encantar-se em labirinto.)

• • •

Rastro de noites que se fundem em palavras como jogos nupciais; piscina selvagem onde recolho os despojos de meu rosto.

• • •

Seria o movimento da memória erigindo arquiteturas de pele em cada cena vívida?

• • •

Tempo talvez de reconfigurações?

• • •

Música, libações, dança, dança, dança.

(O esquecido de si vaga sem nome; é feliz como a tartaruga que mergulha a cauda na lama do rio, distante de aforismos e protocolos imperiais.)

Poemas de Claudio Daniel do livro inédito Dodecaedro feito em parceria com Simone Homem de Mello.
CLAUDIO DANIEL, poeta, tradutor e ensaísta, publicou, entre outros títulos, *A Sombra do Leopardo* (Azougue Editorial, 2001), *Romanceiro de Dona Virgo*, contos, (Lamparina Editora, 2004) e *Figuras Metálicas* (2005). É editor da revista eletrônica Zunái.



ESPERADO OURO
 Marize Castro
 Rio Grande do Norte: Uma, 2005

Lapidada a poesia em *Esperado Ouro*. Objetivas, certas, tanto as perguntas quanto as respostas delineiam os versos de Marize Castro. Para Haroldo de Campos: "a verdade em beleza". Os poemas e suas sinestésias sustentam leve, mas pungentemente, tanto detalhes da transcendência, quanto percepções sensíveis do terreno.



HISTÓRIA DO REI TRANSPARENTE
 Rosa Montero
 Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo
 Rio de Janeiro: Ediouro, 2006

Rosa Montero é uma das escritoras espanholas mais lidas na atualidade. Ganhou diversos prêmios na Europa, em reconhecimento a sua vida profissional. Narrado em primeira pessoa, *História do Rei Transparente* transporta o leitor para uma Idade Média desconhecida em que, na turbulenta França do século XII, uma jovem camponesa se veste com as roupas de ferro de um guerreiro morto em campo de batalha para se proteger. Essa história de aventuras não fala de um mundo atual, mas, certamente, daquilo que todos somos ou desejaríamos ser e fazer.



PAIXÃO DE JOÃO ANTÔNIO
 Mylton Severiano
 São Paulo: Editora Casa Amarela Ltda, 2005

Através de cartas recebidas de João Antônio, o jornalista Myltoninho, como é conhecido no mundo da imprensa, faz incursões na literatura e faz sua história pela difícil trajetória do jornalismo. Como epígrafe, coloca a seguinte frase: "Mostrar cartas é quase tirar a roupa em público. João Antônio, aí dentro. E ele também!"



O SONHADOR INSONE
 Sergio Cohn
 Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2006

Livro de poemas que nasce, segundo o autor, de um verso de Lawrence Ferlinguetti: "estou esperando um renascimento do maravilhoso". Dos deslocamentos de fragmentos alheios e da consciência de que, ao se alterar o contexto, criam-se novos significados, renasce o "maravilhoso" inserido numa coletividade, segundo a concepção de Lautréamont: "a poesia deve ser feita por todos, não por um".



A VIDA ESCRITA
 Ruth Silvano Brandão
 Rio de Janeiro: 7Letras, 2006

O livro é um mergulho no mundo da escrita: seus fios, seus nós, suas voltas, seus encontros, suas invenções. É nesse mundo que autores se encontram, mesmo sem podermos, já que são as obras que, muitas vezes, lhes dão identidade. E nesse mergulho, memórias e fantasias se espriam e, com elas, vozes.